CONIC SEMESP

25º Congresso Nacional de Iniciação Científica

TÍTULO: CORTICOSTEROIDES: O RISCO CAUSADO PELO USO DE ANTI-INFAMATÓRIOS ESTEROIDAIS NA AUTOMEDICAÇÃO

CATEGORIA: CONCLUÍDO

ÁREA: CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SAÚDE

SUBÁREA: Farmácia

INSTITUIÇÃO: FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS - FIFE

AUTOR(ES): BEATRIZ T DUARTE, JOSÉ OTÁVIO MONTEIRO PERUCA, LETICIA SANCHES TONINSIOLI, ANA BEATRIZ DA SILVA AMORIM

ORIENTADOR(ES): LUIS LENIN VICENTE PEREIRA

Realização:
SEMESP

IES parceiras:
PUC CAMPINAS

CATEGORIA CONCLUÍDO

1.RESUMO

Este estudo tem como foco a avaliação do uso indiscriminado dos corticoides, também chamados de glicocorticoides ou anti-inflamatórios esteroidais. Esses medicamentos são utilizados no tratamento de doenças inflamatórias e autoimunes, incluindo lúpus, artrite reumatoide, asma e vasculite. No entanto, o uso inadequado e sem orientação médica, pode gerar efeitos adversos importantes como retenção de líquidos, ganho de peso, alterações metabólicas, osteoporose, a supressão do sistema imunológico e até síndrome de Cushing. Dessa forma, o uso indiscriminado de corticoides representa um importante problema de saúde pública, visto que esses medicamentos, apesar de altamente eficazes apresentam riscos significativos que não apenas compromete a saúde individual, mas também sobrecarrega os sistemas de saúde com complicações que poderiam ser evitadas com o acompanhamento do médico, do farmacêutico e conscientização da população sobre a automedicação excessiva, muitas vezes sem real necessidade clínica.

2.INTRODUÇÃO

Os anti-inflamatórios esteroidais, também denominados como corticosteroides, glicocorticoides e/ou esteroides são medicamentos comumente utilizados para diminuir inflamações ou até mesmo para o controle de possíveis reações alérgicas. Atuam como análogos sintéticos dos hormônios produzidos naturalmente nas glândulas suprarrenais (córtex), sendo alguns deles cortisol, cortisona e corticosterona (CHROUSOS, 2008).

O mecanismo de ação dos AIE's (anti-inflamatórios esteroidais) acontece por meio da inibição de respostas inflamatórias, onde alteram níveis das células sanguíneas de defesa (responsáveis por processos inflamatórios), além de outras respostas imunológicas, como a redução de neutrófilos e macrófagos (redução da

transcrição gênica nos fatores de adesão) e redução de mediadores inflamatórios, como exemplo, a citocina e a histamina (CAIN; CIDLOWSKI, 2017).

Sua prescrição ocorre para tratar algumas condições de saúde, principalmente doenças autoimunes, como por exemplo, lúpus, artrite reumatoide, asma, vasculite, entre outros. Esse grupo de medicamentos pode ser uma maneira mais rápida e simples de reduzir sintomas relacionados às inflamações, proporcionando alívio duradouro da dor ou até mesmo prevenindo o agravamento de doenças renais, como insuficiência renal em casos de doenças autoimunes. Entretanto, riscos estão associados ao seu uso de forma indevida e sem acompanhamento clínico, e entre eles estão o aumento significativo de peso devido a sua influência no metabolismo lipídico, aumento de apetite, alterações na pele (acne excessiva), retenção de água, irritação estomacal, fraqueza muscular devido à perda de aminoácidos, aumento da frequência cardíaca, mobilização dos ácidos graxos e glicogênese hepática. Além disso, podem agravar o risco de desenvolver ou piorar condições, como a síndrome de Cushing, por exposição prolongada e excessiva ao cortisol (BRASIL, 2021).

A automedicação é uma prática bastante difundida não apenas no Brasil, mas também em outros países. A aquisição de medicamentos sem orientações de um farmacêutico ou prescrição médica é uma prática bem comum na resolução de problemas relacionados à saúde, porém o uso indevido de medicamentos pode gerar riscos, principalmente em longo prazo. Vale ressaltar que doenças diferentes podem causar sintomas similares ou iguais, sendo assim, o corpo humano pode apresentar reações diversas, como casos de hipersensibilidade. Com o aumento da automedicação, os riscos associados ao uso indiscriminado se tornaram uma preocupação relevante na saúde pública. O autodiagnostico equivocado, interações medicamentosas prejudiciais, erros de administração e dosagem mascaram doenças e causam dependência, gerando possíveis abusos do princípio ativo (ARRAIS et al., 2016).

No caso dos AIE’s não é diferente, não são pertencentes ao grupo dos MIP’s (medicamentos sem prescrição médica), mas possuem fácil acesso em farmácias e drogarias, já que sua venda não exige retenção de receita no estabelecimento. Seu uso indevido atinge principalmente o sistema imunológico, o suprimindo a possíveis novas doenças e lesões, e até mesmo diagnósticos importantes para uma vida longa e saudável (ALMEIDA, MELO, ZAGO, 2023).

3.OBJETIVOS

O presente trabalho tem como objetivo analisar o impacto do uso indiscriminado de corticosteroides, considerando seus efeitos clínicos, riscos à saúde e a importância da orientação profissional. Busca-se ainda discutir as causas que levam ao consumo inadequado e indicar estratégias de conscientização que favoreçam o uso racional desses medicamentos.

4.METODOLOGIA

Este estudo caracterizou-se como uma revisão bibliográfica, com o objetivo de investigar os riscos associados à prática da automedicação com corticosteroides. Para a coleta de dados, foram realizadas buscas em bases de dados científicas relevantes, utilizando termos de busca como: “anti-inflamatórios esteroidais”, “corticosteroides”, “automedicação”, “riscos”, “efeitos adversos”, “mecanismo de ação”, “indicações terapêuticas”, “síndrome de Cushing”, “interações medicamentosas” e “saúde pública”. Os critérios de inclusão consideraram estudos com foco em pesquisas que detalhassem o uso, os mecanismos, os riscos da automedicação com AIEs, a conscientização da população, bem como as consequências para a saúde pública.

5.DESENVOLVIMENTO

5.1. ANTI INFLAMATÓRIOS ESTEROIDAIS

Os anti-inflamatórios esteroidais (AIE’s) são análogos sintéticos exógenos do cortisol, hormônio natural produzido no córtex renal, mais especificamente nas glândulas suprarrenais, aonde são produzidos hormônios responsáveis pela regulação de diversas funções vitais do organismo, como a manutenção da pressão arterial, metabolismo intermediário, resposta ao estresse, imunidade e características sexuais. Dentre estes hormônios estão o cortisol, aldosterona, adrenalina, esteroides androgênicos, entre outros (GUYTON; HALL, 2021).

Também denominados como corticoides, atuam com grande resposta combatendo processos inflamatórios, principalmente quando se tratam de doenças

crônicas, como asma e lúpus. Seu mecanismo de ação consiste na alteração de células sanguíneas de defesa, como a redução de eosinófilos, que atuam em alergias e respostas inflamatórias. Além disso, inibem síntese de mediadores inflamatórios, como a fosfolipase A² (síntese de leucotrienos, protaglandinas e tramboxanas) e a ciclooxigenase-2 (TORRES, INSUELA, CARVALHO, 2012).

A inibição da fosfolipase A² reduz a produção e liberação do ácido araquidônico, processado por COX's, que podem ser induzidas quando há presença de citocinas e caracterizam-se por células como macrófagos e monócitos (células do sistema de defesa) e lipooxigenases (LOX's). A partir da restrição da molecula-alvo para estas enzimas que os AIE's exercem sua função (RHEN; CIDLOWSKI, 2005).

5.2. PATOLOGIAS RELACIONADA A AUTOMEDICAÇÃO DE CORTICOIDES

Apesar da sua atuação ser comprovado ser eficaz em diversos tratamentos, o seu uso inadequado e prolongado, tanto por via oral quanto por outras formas de administração, pode desencadear um espectro de complicações médicas sérias. Uma das mais conhecidas é a Síndrome de Cushing, causada pelo excesso de exposição a esses esteroides, que se assemelha aos sintomas de produção endógena intensa. Isso se manifesta clinicamente através da redistribuição anormal de gordura corporal (obesidade central, face em lua), fragilidade da pele com estrias, hipertensão arterial, intolerância à glicose ou diabetes mellitus, e fraqueza muscular (ALMEIDA et al.,2023).

Outras preocupações relacionadas ao uso indevido e sem recomendação incluem o desenvolvimento de osteoporose, devido à interferência na absorção de cálcio, efeitos gastrointestinais, como úlceras, gastrites e refluxo, alterações metabólicas, como desequilíbrios eletrolíticos, além disso, caso o corpo interprete que há níveis elevados de cortisol no sangue, ele diminuirá a produção do hormônio o que prejudica a homeostase do organismo. Considerando que o uso desses medicamentos pode levar ao desenvolvimento de doenças e até síndromes, o acompanhamento médico e aconselhamento farmacêutico tornam se essenciais para garantir um tratamento seguro e eficaz (LIU et al., 2013).

5.3. A IMPORTÂNCIA DO ACOMPANHAMENTO TERAPEUTICO

O aconselhamento ou atenção farmacêutica reúne aspectos éticos, atitudes profissionais e conhecimento técnico, sempre voltados para prevenir doenças, tratar e promover a recuperação da saúde. Nessa prática, o farmacêutico assume o dever de reconhecer e atender às necessidades dos pacientes relacionadas ao uso de medicamentos, garantindo que a terapia escolhida seja a mais adequada, eficaz, segura e prática. O resultado esperado é a melhora do estado clínico e a conquista, bem como a manutenção, dos objetivos terapêuticos (AIRES; MARCHIORATO, 2010).

O acompanhamento farmacoterapêutico exige um método de trabalho estruturado, eficiente e baseado em procedimentos padronizados e validados, que possibilitem a análise completa do processo e de seus resultados. Para isso, utiliza-se o Método Dáder, fundamentado na história farmacoterapêutica do paciente, considerando suas condições de saúde, os medicamentos em uso e a avaliação do estado clínico. Esse processo tem como objetivo identificar Problemas Relacionados a Medicamentos (PRM). Quando detectado o farmacêutico realiza intervenções para solucioná-los e, posteriormente, avalia os resultados alcançados (MACHUCA; FERNÁNDEZ-LLIMÓS; FAUS, 2003).

O farmacêutico é o profissional de saúde que mantém maior proximidade com a comunidade, tendo papel fundamental no atendimento primário realizado nas farmácias. Nesses locais, ele orienta sobre a automedicação de forma responsável, garantindo que o uso dos medicamentos não cause prejuízos à saúde (FERREIRA; TERRA-JÚNIOR, 2018).

5.4. AUTOMEDICAÇÃO

Embora considerado parte do autocuidado, a automedicação é uma prática caracterizada pelo uso de medicamentos sem prescrição médica e seu uso indiscriminado pode gerar riscos à saúde individual e pública. Fatores como gênero, idade e região podem influenciar na prática da automedicação (ARRAIS et al., 2016).

Os medicamentos mais usados incluem analgésicos, antigripais e relaxantes musculares. Segundo levantamento do ICTQ, divulgado pela Clínica AMO, 89% dos brasileiros já se automedicaram, sendo dipirona, paracetamol e ibuprofeno os mais citados. Apesar de parecer inofensiva, a automedicação pode causar reações

adversas, dependência, resistência a antibióticos e mascaramento de doenças. O fácil acesso a medicamentos e a crença na segurança dos fármacos sem receita ampliam esses riscos (ICTQ, 2022).

Estudos evidenciam que a automedicação com corticosteroides apresenta elevada prevalência, principalmente entre indivíduos que buscam alívio rápido de sintomas inflamatórios e alérgicos. Verificou-se que muitos participantes relataram adquirir esses medicamentos sem prescrição médica, motivados pela facilidade de acesso em farmácias e pelo histórico de uso prévio bem-sucedido. Contudo, a prática foi associada a efeitos adversos relevantes, incluindo retenção de líquidos, ganho de peso, alterações glicêmicas e risco de supressão adrenal. Esses achados corroboram a literatura, que alerta que o uso indiscriminado de corticosteroides, sem acompanhamento profissional, representa um risco significativo para a saúde pública, ampliando a probabilidade de complicações crônicas e uso inadequado de recursos terapêuticos (QUTOB et al., 2023).

6.RESULTADOS

A eficácia terapêutica para o tratamento de diferentes doenças baseia-se em uma série de fatores que precisam ser analisados de forma cientifica e lógica em termos de segurança e custo. Entretanto, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), grande parte dos medicamentos é prescrita, vendida ou distribuída de forma inadequada e metade dos pacientes não toma os medicamentos conforme prescrito. Nesse contexto, corticosteroides e outros medicamentos anti-inflamatórios são comumente empregados em diversas situações clínicas, contudo a cautela é importante porque se usados incorretamente, podem apresentar toxicidade e efeitos colaterais (ALVAREZ et al., 2020).

Deste modo, quando administrados por períodos prolongado ou em altas doses, os efeitos adversos, que variam desde alterações metabólicas, imunossupressão até o desenvolvimento de condições graves como a síndrome de Cushing, são consequências diretas da falta de acompanhamento profissional e do seu uso inadequado. A facilidade de acesso a esses medicamentos, aliada à prática generalizada da automedicação, muitas vezes baseada em autodiagnósticos equivocados ou conselhos leigos, mascara doenças, atrasa diagnósticos precisos e expõe a população a danos significativos para a saúde (MATOS *et al*., 2018).

A automedicação, muitas vezes é motivada pela dificuldade de acesso ao atendimento médico e pela ampla disponibilidade de medicamentos em drogarias, o que coloca o farmacêutico em uma posição central para a promoção da saúde, nesse cenário, o profissional atua como um elo fundamental na orientação e no aconselhamento. Ao garantir que os pacientes façam escolhas seguras e informadas, contribui significativamente para a prevenção da automedicação e o uso adequado dos medicamentos (NAVES; CASTRO; CARVALHO, 2013).

Diante disso, é necessário melhorar a educação sobre o uso racional de medicamentos, esclarecer ao público sobre a importância da prescrição, bem como falar abertamente sobre riscos e benefícios. É somente através de um esforço colaborativo e instrutivo que o cuidado seguro e eficaz pode ser proporcionado (PEREIRA *et al*.,2006).

7.CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso indiscriminado de anti-inflamatórios esteroidais representa um importante problema de saúde pública, uma vez que seu emprego sem acompanhamento profissional pode ocasionar sérios efeitos adversos, como supressão do sistema imunológico, aumento do risco de infecções, distúrbios metabólicos e complicações cardiovasculares. Na grande maioria dos casos, a automedicação e a falta de informação adequada contribuem para a intensificação desses riscos, tornando essencial o desenvolvimento de estratégias de orientação e monitoramento.

Nesse contexto, a atuação do farmacêutico torna-se fundamental, não apenas na dispensação responsável dos medicamentos, mas também na educação em saúde, esclarecendo a população sobre os riscos do uso inadequado e promovendo o uso racional de AIE's. Além disso, o acompanhamento farmacoterapêutico permite identificar precocemente possíveis reações adversas, otimizar a terapêutica e contribuir para a adesão correta ao tratamento prescrito.

Portanto, a inserção ativa do farmacêutico no cuidado ao paciente é indispensável para reduzir danos relacionados ao uso impróprio de corticosteroides e fortalecer práticas seguras que promovam uma melhor qualidade de vida.

8.FONTES CONSULTADAS

AIRES, C. C. N. F.; MARCHIORATO, Acompanhamento farmacoterapêutico a hipertensos e diabéticos na Unidade de Saúde Tereza Barbosa: análise de caso. Revista Brasileira de Farmácia Hospitalar e Serviços de Saúde, São Paulo (SP), v. 1, n. 1, p. 26-31, set./dez. 2010. Disponível em: https://jhphs.org/sbrafh/article/download/106/106/102. Acesso em 01. Set 2025

ALMEIDA, Giovanna Xavier; MELO, Nathalie Ferreira Silva ; ZAGO, Patricia Maria Wiziack.** **Efeitos adversos decorrentes da terapia prolongada com corticosteroides. PubSaúde**, **v. 14, p. 1–11, 2023**. Disponível em: https://pubsaude.com.br/wp-content/uploads/2023/08/441-Efeitos-adversos-decorrentes-da-terapia-prolongada-com-corticosteroides-.pdf. Acesso em 01. Set 2025

ALVAREZ, J. E.; et al. Corticosteroid therapy: efficacy, safety and clinical applications. Clinical Reviews in Allergy & Immunology, v. 59, p. 120–137, 2020. doi:10.1007/s12016-019-08790-6.

ARRAIS, P. S. D.; FERNANDES, M. E. P.; PIZZOL, T. DA S. D.; RAMOS, L. R.; MENGUE, S. S.; LUIZA, V. L.; TAVARES, N. U. L.; FARIAS, M. R.; OLIVEIRA, M. A.; BERTOLDI, A. D. **Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados.** *Revista de Saúde Pública*, v. 50, supl. 2, p. 1s-11s, 2016. doi:10.1590/S1518-8787.2016050006117.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para uso de glicocorticoides.** Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/saude/.

CAIN, D. W.; CIDLOWSKI, J. A. **Immune regulation by glucocorticoids.** *Nature Reviews Immunology*, v. 17, p. 233–247, 2017. doi:10.1038/nri.2017.1.

CHROUSOS, G. P. **Glucocorticoid therapy.** *Revista Brasileira de Reumatologia*, v. 48, n. 2, p. 100–109, 2008.

FERREIRA, R. L.; TERRA JÚNIOR, A. T.Estudo Sobre a Automedicação, O Uso Irracional De Medicamentos E O Papel Do Farmacêutico Na Sua Prevenção. Revista Científica FAEMA, \[S. l.], v. 9, n. edesp, p. 570–576, 2018. Disponível em:

https://revista.faema.edu.br/index.php/Revista-FAEMA/article/view/rcf.v9iedesp.617. Acesso em: 01. Set 2025

GUYTON, A. C.; HALL, J. E. **Tratado de Fisiologia Médica.** 14. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2021. Cap. 76: Funções do córtex suprarrenal, p. 937–951.

Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade (ICTQ). *Pesquisa – Automedicação no Brasil (2022)*. Disponível em: https://ictq.com.br/farmacia-clinica/3202-aproximadamente-90-dos-brasileiros-realiza-automedicacao-atesta-ictq. Acesso em: 1 set. 2025.

LIU, D.; AHMET, A.; WARD, L.; KRISHNAMOORTHY, P.; MANDELCORN, E. D.; LEIGH, R.; BROWN, J. P.; COHEN, A. **A practical guide to the monitoring and management of the complications of systemic corticosteroid therapy.** *Allergy, Asthma & Clinical Immunology*, v. 9, n. 30, p. 1–25, 2013. doi:10.1186/1710-1492-9-30.

MACHUCA, M.; FERNÁNDEZ-LLIMÓS, F.; FAUS, M. Método Dáder. **Guía de seguimento farmacoterapêutico. …, \[S. l.], p. 1–45, 2003.** Disponível em: https://www.unifal-mg.edu.br/gpaf/wp-content/uploads/sites/74/2018/09/Guia-dader-interior-brasil-v4_.pdf. Acesso em 01 set. 2025

MATOS, Januária Fonseca et al. Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 26, n. 1, p. 76-83, 2018.

NAVES, Janeth de Oliveira Silva; CASTRO, Lia Lusitana Cardozo de; CARVALHO, Christine Maria Soares de; MERCHÁN-HAMANN, Edgar. *Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações*. Ciência & Saúde Coletiva, [S.l.], v. 18, n. 5, p. 1483–1492, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/FPDPyz65X6qTGNMHFwrnb8R/?lang=pt

PEREIRA, Januaria Ramos et al. Riscos da automedicação: tratando o problema com conhecimento. **Joinville: Univille**, v. 20, 2008.

QUTOB, R. A.; ALHUSAINI, B. A.; ALJARBA, N. K.; et al. Public Awareness Regarding Corticosteroid Use and Side Effects: A Cross-Sectional Study in Riyadh, Saudi Arabia. Healthcare, v. 11, n. 20, 2747, 2023. DOI: 10.3390/healthcare11202747.

RHEN, T.; CIDLOWSKI, J. A. **Antiinflammatory action of glucocorticoids — new mechanisms for old drugs.** *New England Journal of Medicine*, v. 353, n. 16, p. 1711–1723, 2005. doi:10.1056/NEJMra050541.

TORRES, Rafael Carvalho; BIANCHI, Daniella ; CARVALHO,. **Mecanismos celulares e moleculares da ação antiinflamatória dos glicocorticóides. Fiocruz.br, 2025.** Disponível em: https://arca.fiocruz.br/items/3c3032a3-5eab-4499-9914-b4c703f89a7d. Acesso em: 31 ago. 2025.